

0007.1

ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA

ILUSTRAÇÕES LUCIANA JUSTINIANI HEES



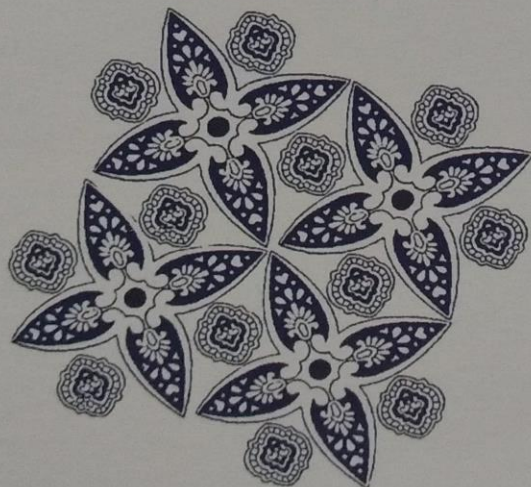
DO CONTINENTE AFRICANO



ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA
ILUSTRAÇÕES **LUCIANA JUSTINIANI HEES**



O forasteiro tem olhos grandes, mas não enxerga.
provérbio da África Ocidental



ÁFRICA DA HISTÓRIA, DO ESPÍRITO E DO SABER

Primeiro, ela foi o território da aventura, continente selvagem, exótico e misterioso. Mais tarde, abrigou rebeldes e ingratos que implantaram o terrorismo e a guerrilha em toda a região. Hoje, é o palco privilegiado das guerras, da corrupção e da crueldade.

Essas são as imagens construídas ao longo do tempo sobre a África. Por gente que não soube ou esqueceu da alvorada da humanidade, do Egito faraônico, do esplendor das civilizações da Núbia e da Etiópia, da magnífica arte em bronze de Ifé e Benin, de líderes e pensadores como Kwame Nkrumah, Patrice Lumumba, Jomo Kenyatta, Julius Kambarage Nyerere, Amadou Hampâté Bâ, Théophile Obenga, Cheikh Anta Diop, Léopold Senghor e tantos outros, antigos e contemporâneos.

A África tem uma história. Como a das velhas Ásia e Europa. Com dificuldades e problemas, mas também com muitas glórias. Com um passado de cultura, até mesmo anterior ao da civilização greco-latina, por mais incrível que isso possa parecer. E com um presente de luta e de trabalho raramente mostrados no cinema, na televisão ou nos livros.

A África tem um espírito e um saber. E esse saber e esse espírito africanos no campo das artes, ciências, técnicas e filosofia ligam o mais profundo do continente à essência milenar da antiguidade egípcia, etíope e núbia.

Nei Lopes



de florestas, pântanos,
desertos, estepes, savanas,
rios, mares e montanhas
infindáveis. África de
monumentos históricos
talhados em blocos de pedra.
África de modernas e vibrantes
metrópoles. África de povos
urbanos, agrícolas e pastoris.
África de múltiplas etnias,
culturas, línguas e religiões.



BAOBÁ

árvore sagrada e gigantesca, senhora das áridas vastidões. Seu tronco é tão grosso que são necessários vinte homens de mãos dadas para abraçá-lo. Os galhos secos e eriçados parecem raízes em direção ao céu abrasador, como se ela tivesse sido plantada de cabeça para baixo. Em algumas localidades, acredita-se que quem tomar um chá feito com suas folhas nunca será devorado por um crocodilo. Por sua sombra acolhedora e pela capacidade de armazenar água, ela é chamada também de Árvore da Vida ou, simplesmente, de Mãe.



CIDADES

populosas com avenidas movimentadas, arranha-céus, indústrias e universidades guardam marcas do passado, expõem o presente e apontam para o futuro. A maioria dos grandes centros urbanos, assim como acontece em outros continentes, enfrenta problemas de emprego, saúde, moradia, trânsito e poluição.



DANÇAS

celebram a vida e a morte em diferentes etapas da existência humana. Animam nascimentos, casamentos, funerais... Integram o culto aos ancestrais, comemoram o êxito das colheitas e perpetuam ritos de iniciação, que marcam a entrada dos jovens no mundo dos adultos, durante festas e rituais, em diversas partes do continente africano.



ELEFANTES

de presas valiosas, rinocerontes de chifres cobiçados, gorilas-das-montanhas, chitas velozes e crocodilos encouraçados são algumas das espécies da fauna africana mais ameaçadas de extinção.



FLORESTAS

de árvores altas e densa folhagem – onde a luz do sol não consegue penetrar – abrigam incontáveis macacos, pássaros, répteis e insetos.



GRIÔ

aquele que conhece, mestre errante da palavra. Narrador, cantor e músico de memória fabulosa da África Ocidental. Reconta, em suas histórias, lendas e poesias, os caminhos e feitos gloriosos de outrora.

HISTÓRIAS

contadas ao redor das fogueiras e no burburinho das praças e mercados são repassadas de geração a geração. Dizem que Ananse — um dos personagens mais populares das narrativas em Gana e na República da Costa do Marfim, sobretudo entre os povos acãs, axantes e fantes —, também chamado de homem-aranha, teceu uma teia até o céu e trouxe as histórias guardadas num baú de ouro, e espalhou-as pela terra, depois de enfrentar uma série de difíceis provas.



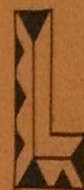
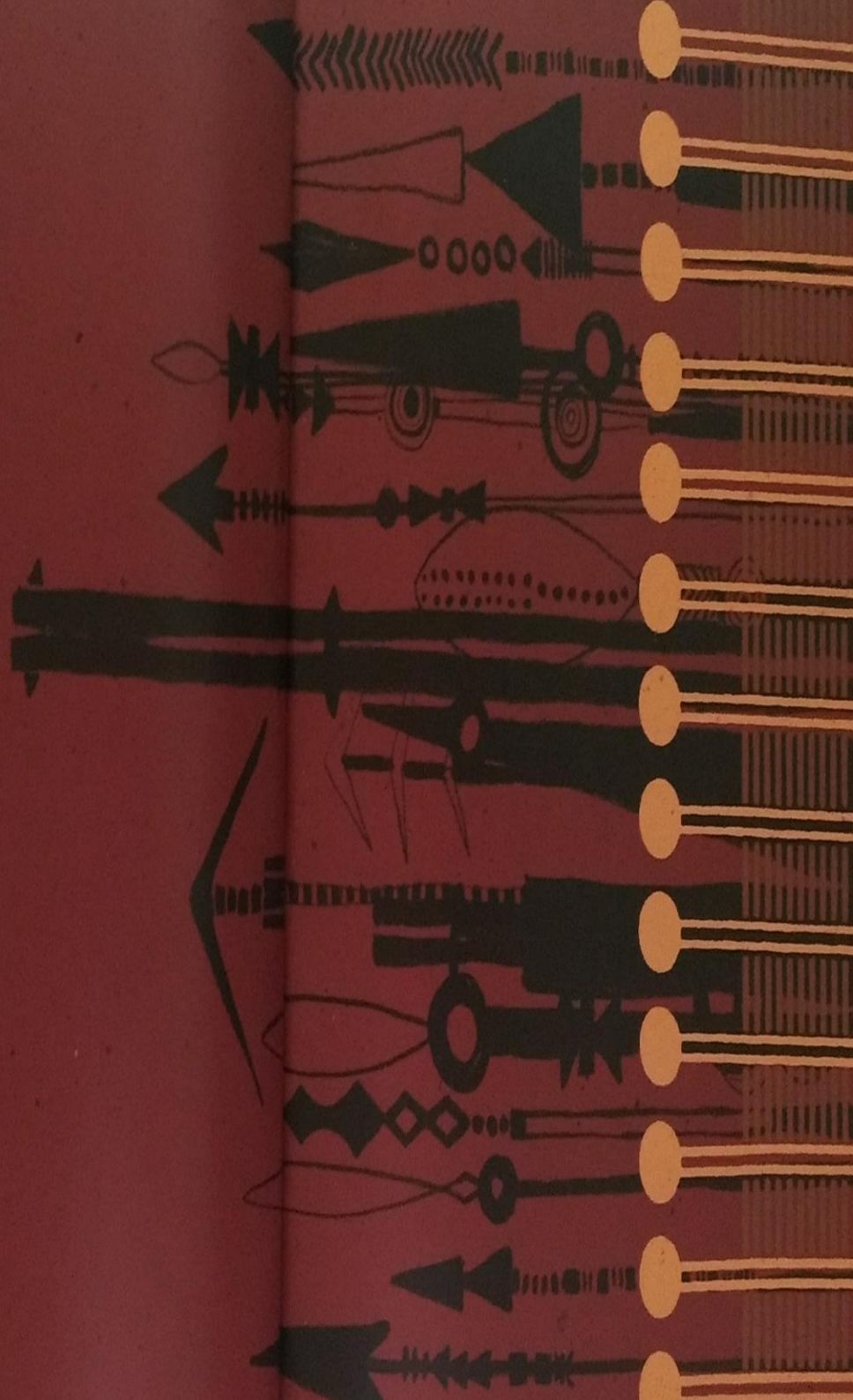
JUMENTOS

e camelos conduzidos por tuaregues, os homens-azuis, enfrentam o vento quente do Saara que irrompe entre as dunas e provoca tempestades de areia. As rajadas apagam rastros, acoitam as caravanas e fustigam as tendas. Entre esses nômades – famosos pela hospitalidade – que vagueiam pela Argélia, Mauritânia e Mali, as mulheres não escondem a face como em outros povos islamizados. São os homens que cobrem seus rostos com um pano azul-escuro que lhes tinge a pele.



KALAHARI

território dos bosquímanos, de pele seca e enrugada, amarelada como a superfície do deserto onde vivem. Errantes, deslocam-se com arco e flecha pela desolada região em busca de alimento. Guardam a água – o seu bem mais precioso – cuidadosamente em cascas de ovos de avestruz. Adoram a Lua e sabem, como ninguém, lendas maravilhosas sobre as estrelas e os ventos. As pinturas rupestres dos ancestrais dessa gente miúda, retratando cenas de caçadas e rituais mágicos, resistem à ação do tempo em paredões rochosos.



LUTAS

contra o invasor europeu, desde a época da lendária rainha Nzinga (c.1582-1663, Matamba/Ngola, atual Angola), marcaram o longo período colonial. Líderes como Amílcar Cabral (1924-1973, Guiné-Bissau), Agostinho Neto (1922-1979, Angola), Samora Machel (1933-1986, Moçambique), Julius Nyerere (1922-1999, Tanzânia), Patrice Lumumba (1925-1961, República Democrática do Congo), Kwame Nkrumah (1909-1972, Gana) e Nelson Mandela (1918-África do Sul) tiveram papel destacado na independência de seus países. O eco dessas vozes, ao ritmo dos tantãs, anunciou a chegada de novos tempos.



MERCADOS

em cidades como Fez, no Marrocos, serpenteiam por vielas de pedra desgastadas pelo tempo. Nos atravancados labirintos espremem-se dezenas de joalherias, tendas de vendedores de tapetes, sedas, especiarias e todo tipo de mercadoria. Nas negociações, a barganha é a regra geral. No beco dos artesãos, um dos mais ruidosos, homens e meninos trabalham nas calçadas, polindo vasilhames de cobre.



NILO

o rio da vida e da prosperidade, venerado como um deus pelos habitantes do Antigo Egito. Ao longo dele desenvolveram-se a escrita e a matemática, reinaram poderosos faraós, ergueram-se pirâmides colossais e floresceram civilizações, cujo legado é um patrimônio da humanidade.



ORNAMENTOS

de contas, couro, latão, marfim e metais preciosos...
Penteados elaborados e cicatrizes gravadas na pele.
Esses enfeites e marcas identificam, adornam e protegem o corpo de homens, mulheres e crianças de muitas etnias.



PIGMEUS

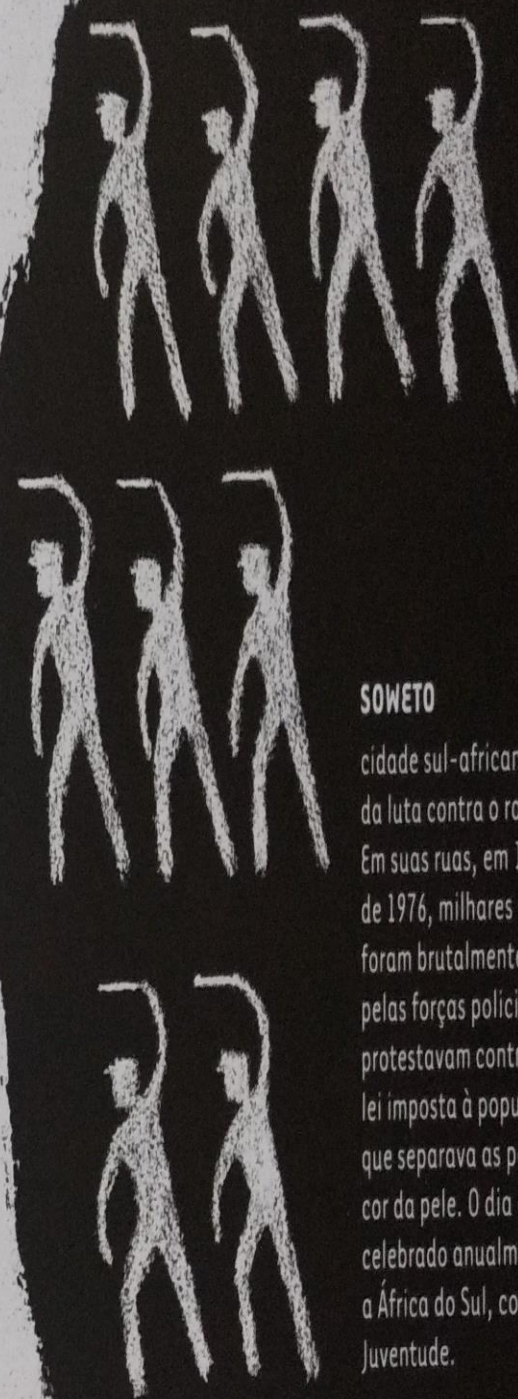
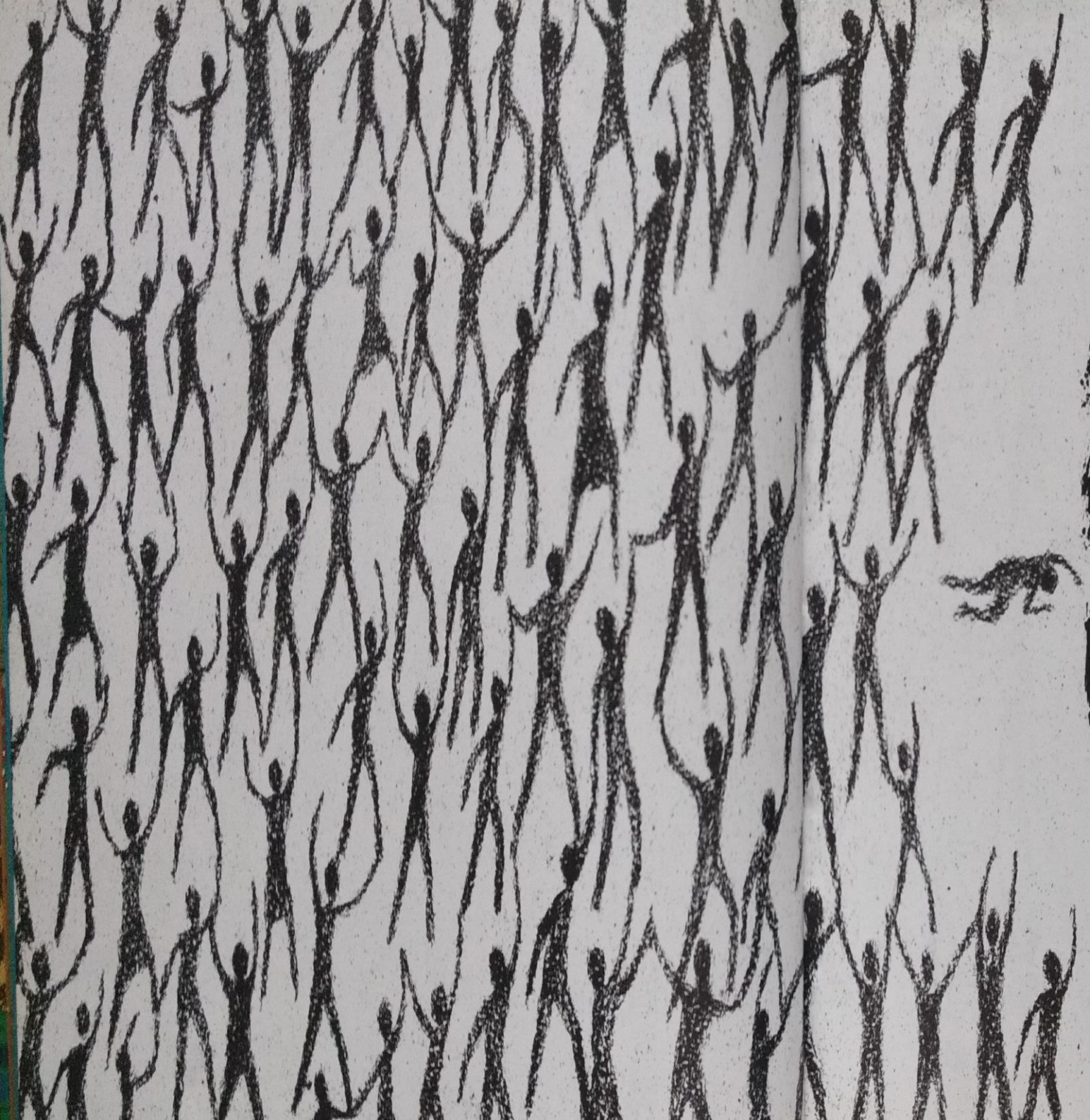
gente pequena, como chamam a si mesmos. Habitam as florestas úmidas e chuvosas de Ituri, no centro da África, dispersos em reduzidos grupos. Vivem da caça e da coleta, do mesmo modo que seus pais, os pais de seus pais e os pais dos pais de seus pais...

QUIMBANDA

no idioma quimbundo, em Angola, é o adivinho e curandeiro, respeitado pelo conhecimento que detém sobre as ervas medicinais e por saber se comunicar com as entidades sagradas. A sua magia revela segredos e cura os enfermos.

RELIGIÕES

tradicionalistas africanas veneram as divindades das matas e das águas desde tempos imemoriais. Outras doutrinas, como o hinduísmo, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, reúnem seus adeptos em templos, sinagogas, igrejas e mesquitas, espalhados por uma África marcada pela diversidade.



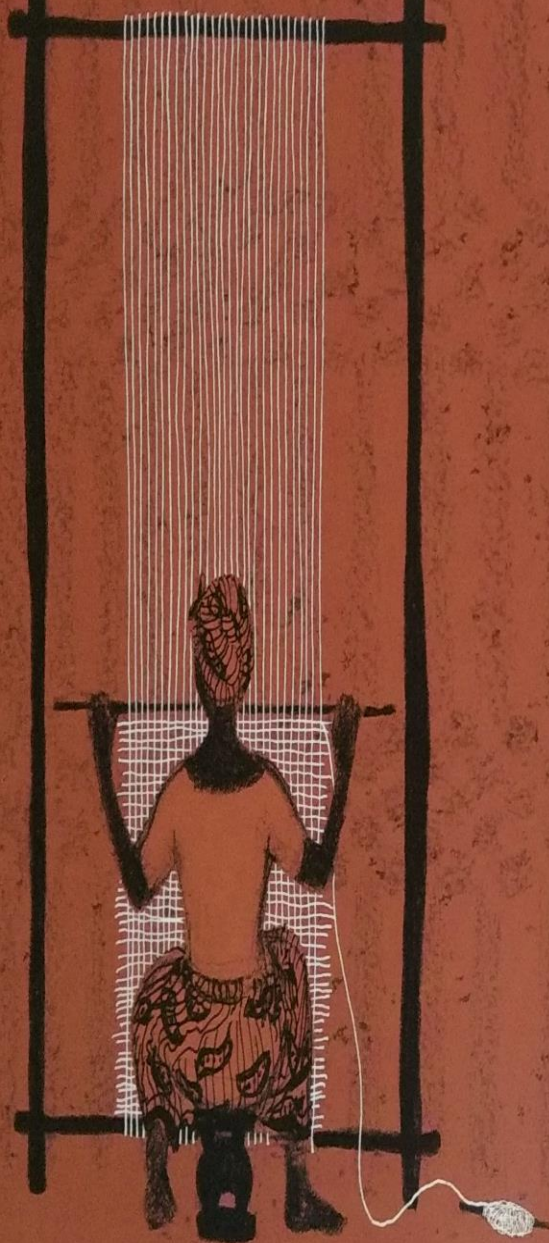
SOWETO

cidade sul-africana, símbolo da luta contra o racismo. Em suas ruas, em 16 de junho de 1976, milhares de estudantes foram brutalmente reprimidos pelas forças policiais, quando protestavam contra o *apartheid*, lei imposta à população negra, que separava as pessoas pela cor da pele. O dia do levante é celebrado anualmente, em toda a África do Sul, como o Dia da Juventude.



TEARES

de madeira, manejados por dedos ágeis, trançam fios de algodão que se transformam em tecidos de cores delicadas. Os panos tingidos com o pó azulado, extraído de uma planta chamada índigo, são apreciados por sua beleza e durabilidade.



URUCUNGO

instrumento musical de tom metálico e repetitivo, conhecido em quase toda a África. Para tocá-lo, o músico apoia no peito a caixa de ressonância, uma cabaça vazia, e bate com uma vareta na corda de arame do arco retesado.





VILAREJOS

com suas habitações de barro, cobertas de palha, preservam antigos costumes e rituais. Em muitos deles, ao entardecer, os homens jogam o *awale*, movendo pedrinhas ou sementes num tabuleiro de tábua grossa, com doze casas escavadas, observados atentamente pelas crianças. É a sabedoria dos mais velhos que dá continuidade às tradições. "O futuro vem do passado" é o que diz um ditado africano.



WANGARI

Maathai (1940-), bióloga queniana, primeira mulher africana agraciada com o Nobel da Paz por sua cruzada a favor do meio ambiente. Suas campanhas contra o desmatamento, em defesa dos animais em extinção e a luta pelos direitos das mulheres consagraram-na como a vencedora do prêmio em 2004.



XILOFONES

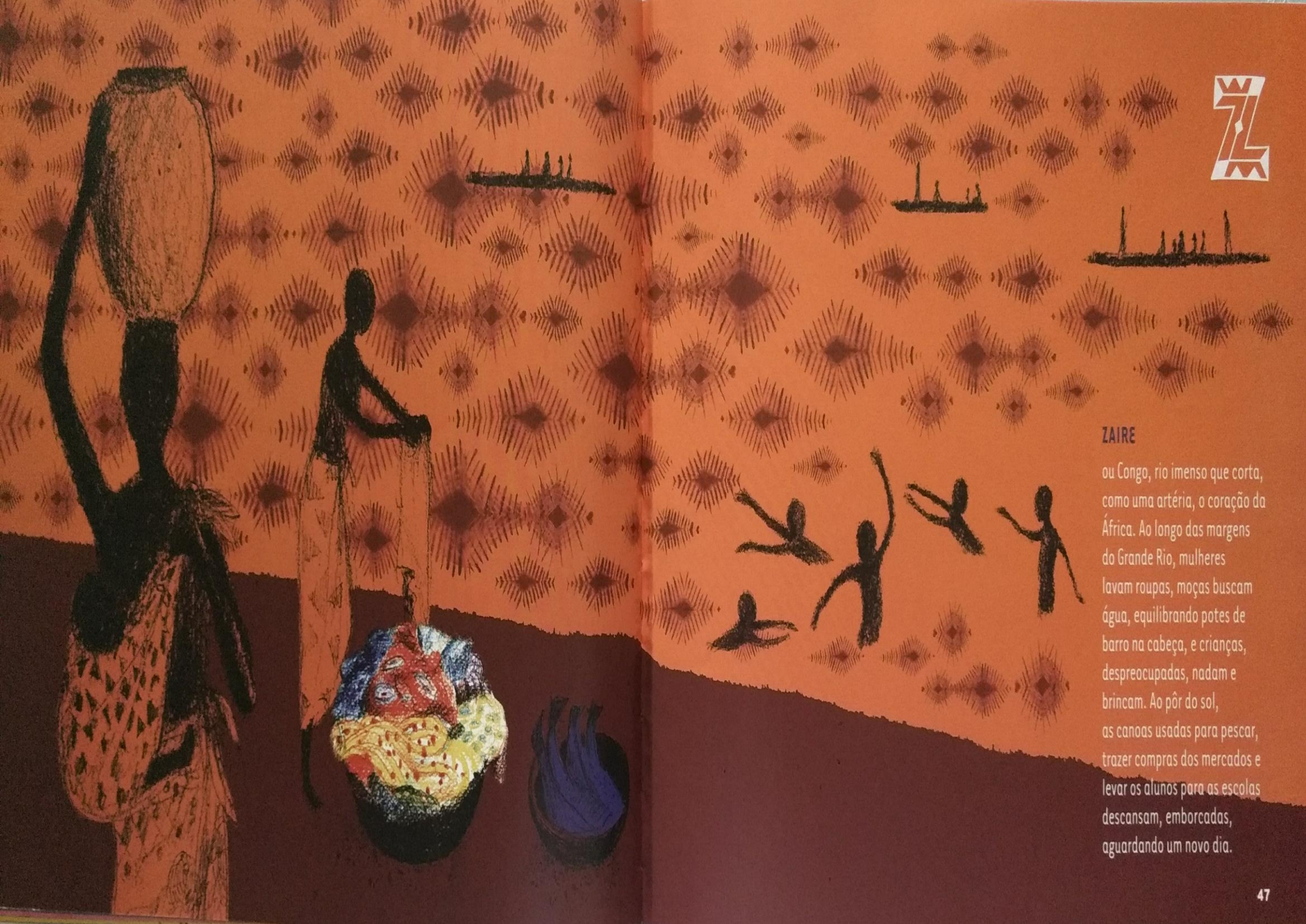
têm segredos que só os mestres conhecem. Quando o tempo está muito quente, os instrumentos devem ser tocados ao anoitecer ou à sombra de árvores frondosas, pois o calor desafina as teclas de madeira. Na África, são populares e têm muitos nomes. Na província de Inhambane, no sul de Moçambique, são chamados de timbilas.



YORUBA

ou ioruba, nome que se dá, na África Ocidental, a um povo e à sua língua. Máscaras, estatuetas e ornamentos – esculpidos com fina maestria em ouro, bronze, marfim e barro cozido – são obras de arte incomparáveis, produzidas por eles.





ZAIRE

ou Congo, rio imenso que corta, como uma artéria, o coração da África. Ao longo das margens do Grande Rio, mulheres lavam roupas, moças buscam água, equilibrando potes de barro na cabeça, e crianças, despreocupadas, nadam e brincam. Ao pôr do sol, as canoas usadas para pescar, trazer compras dos mercados e levar os alunos para as escolas descansam, emborcadas, aguardando um novo dia.

A África tem muitas caras:
exótica e misteriosa, perigosa
e cruel, triste e explorada.
Mas ela é muito mais do que
isso, é o lugar de origem do
homem, uma terra cheia de
história e de cultura. Por que
o baobá é chamado de mãe?
Por que o Nilo é conhecido
como o rio da vida?
As muitas religiões, as cidades
populosas, os vilarejos, os
grandes líderes, os mitos e
as cores são as outras Áfricas
que se mostram neste *ABC*.

